

O USO DO DITADO DIRIGIDO COMO UMA FERRAMENTA DIDÁTICO PEDAGÓGICA PARA ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS COM DISLEXIA

THE USE OF DIRECTED DACTION AS A PEDAGOGICAL DIDACTIC TOOL FOR LITERACY STUDENTS WITH DYSLEXIA

Sidirneide Simões Martins Cardoso¹

Luciano Sérgio Ventin Bomfim²

Resumo: Este artigo versa sobre o uso do ditado dirigido e contextualizado como uma ferramenta didático-pedagógica para a alfabetização de alunos com dislexia, que, em sua maioria demonstram dificuldades específicas no processo de aquisição da leitura e escrita. Trata-se de uma proposta construída a partir da leitura de livros paradidáticos e gêneros textuais trabalhados em sala de aula com uso do ditado dirigido, com o propósito de desenvolver a consciência fonêmica a partir da leitura dos textos, tendo como finalidade provocar reflexões sobre a representação do Sistema Escrita Alfabética (SEA). Propomos como objetivo geral analisar as contribuições do ditado dirigido e contextualizado como uma estratégia didático-pedagógica relevante para a alfabetização de alunos com dislexia. Sendo que especificamente buscamos compreender a importância desta prática docente para auxiliar professores no atendimento ao aluno com dislexia, e identificar as facetas linguísticas para inserção da criança no mundo da escrita. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, e uma ação interventiva nas turmas de alfabetização que rege: 1º ao 3º ano das séries iniciais do Ensino fundamental I, com buscas em plataformas dos periódicos da Capes e SciELO, considerando teóricos que estudam a consciência fonêmica e a consciência fonológica, como um fator importante para o processo de aquisição da leitura e escrita desses alunos. Como resultado esperamos colaborar com esse processo apresentando o ditado dirigido e contextualizado como ferramenta didático pedagógica para potencializar e auxiliar professores na alfabetização de alunos com dislexia.

Palavras-chave: Prática Pedagógica. Ditado dirigido. Alfabetização. Dislexia

Abstract: This article deals with the use of directed and contextualized dictation as a didactic-pedagogical tool for the literacy of students with dyslexia, who, for the most part, demonstrate specific difficulties in the process of acquiring reading and writing. It is a proposal built from the reading of paradidactic books and textual genres worked in the classroom with the use of directed dictation, with the purpose of developing phonemic awareness from the reading of the texts, with the purpose of provoking reflections on the representation of the Alphabetic Writing System (SEA). We propose as a general objective to analyze the contributions of directed and contextualized dictation as a relevant didactic-pedagogical strategy for the literacy of students with dyslexia. Since we specifically seek to understand the importance of this teaching practice to assist teachers in assisting students with dyslexia, and to identify the linguistic facets for the insertion of the child in the world of writing. The methodology used was qualitative research, and an interventional action in the literacy classes that governs: 1st to 3rd year of the initial series of Elementary School I, with searches on platforms of Capes and SciELO journals, considering theorists who study phonemic awareness and phonological awareness, as an important factor for the process of acquiring reading and writing for these students. As a result, we hope to collaborate with this process by presenting directed and contextualized dictation as a didactic pedagogical tool

¹ Mestranda em, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB) DCH- CAMPUS - III.
Especialista em alfabetização e Letramento UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DA BAHIA(UFBA), sidy.smc@hotmail.com
Bacharela em Serviço Social UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ(UNOPAR),
sidy.smc@hotmail.com

² Professor Titular A do Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais III, Professor do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios do semiárido e Professor e Coordenador do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da UNEB. lsvbomfim@gmail.com

to enhance and assist teachers in the literacy of students with dyslexia.

Keywords: Pedagogical Practice. Directed Dictation. Literacy. Dyslexia

1 INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade na qual a diversidade tem registros históricos desde os primórdios, mas que nem sempre se mostrou inclusiva, de modo que passamos por várias fases, entre estas a segregação de pessoas que apresentam alguma dificuldade, limitação, transtorno, déficit, deficiência e/ou altas habilidades. (BOMFIM, et al., 2021).

Por esta razão, deve-se ressignificar e reexaminar o papel da escola, para que esta assuma o desafio de ensinar, partindo da compreensão de que todos são diferentes uns dos outros. De modo que no contexto educacional atual, não se pode continuar a planejar as aulas pensando num grupo homogêneo, pois a mesma estratégia para todos certamente não será compreendida por alguns alunos com dislexia, se faz necessário ressignificar estes saberes, criar e recriar estratégias, de modo, a atingir a todos respeitando seu tempo de assimilação. Se faz necessário mudar o jeito de contar uma história, solicitar a cooperação da turma, imitar os personagens, imitar falas e gestos dos personagens dar asas a imaginação, chamar a atenção do alunado. Desta forma, um novo redirecionamento, e algumas adaptações pedagógicas criativas, possam ser ministradas para se trabalhar determinado conteúdos, e assim, poder atender a todos. Segundo De Aquino (2007), “a aprendizagem refere-se à aquisição cognitiva, física e emocional, e ao processamento de habilidades e conhecimento em diversas profundidades, ou seja, o quanto uma pessoa é capaz de compreender, manipular, aplicar e /ou comunicar esse conhecimento e essas habilidades” (DE AQUINO, 2007, p. 6).

Sendo assim, vimos que as dificuldades de aprendizagem são apresentadas em diferentes indivíduos, cada um com a sua especificidade, entre estes motivos estão alguns transtornos de dislexia que os alunos possam apresentar em sala de aula.

Sabemos que a educação é um direito de todos, e está expressamente escrito em leis e decretos governamentais, de forma que é necessário o respeito às diferentes formas de aprender de cada indivíduo (BRASIL, 1996). Diante desta afirmativa, compreende-se que, a escola assim como, o professor deve ter a sala de aula como um laboratório investigativo para construção de aprendizagens múltiplas, e seu papel é propor mecanismos que favoreçam ao professor a buscar meios facilitadores, que lhe possibilitem, e motivem, o processo de ensino e aprendizagem de todos aluno com

dislexia.

A questão problema que queremos responder com este projeto é: Como o uso do ditado dirigido e contextualizado poderá auxiliar os alunos no processo alfabetização, propiciando a leitura de diversos gêneros textuais e ampliando a aquisição da escrita alfabética?

O objetivos geral: Compreender a importância do uso do ditado dirigido e contextualizado como uma ferramenta que propicia o processo de alfabetização, e reflexão da consciência Fonêmica e consciência fonológica para desenvolvimento das habilidades de escrita.

A proposta de intervenção justifica-se por compreender a importância do uso do ditado dirigido e contextualizado como uma ferramenta que traz intervenções que favorecem ao aluno pensar sobre o sistema escrito alfabético, e utilize a consciência fonética e consciência fonêmica como sendo um fator eficaz para alfabetização de crianças nas séries iniciais.

Esta pesquisa se justifica por investigar e analisar cientificamente as contribuições do ditado dirigido e contextualizado como uma ferramenta didático-pedagógica sendo uma prática de ensino relevante no processo de aquisição da leitura e escrita. E conceitua-se a partir de estudos realizados de 2004 a 2021, que possibilitaram arguir, analisar e demonstrar a partir da escrita dos alunos avanços conquistados nesses anos, e sua importância para o processo de alfabetização dos alunos com dislexia.

Isso se configura em criarmos uma educação inclusiva, onde todos tenham oportunidade de aprender, e demonstrar seus saberes em sala de aula. É com este anseio que o ditado dirigido e contextualizado se consolida com a educação inclusiva – oportunidades todos devemos ter para aprender e demonstrar nosso potencial em sala.

Neste sentido, para que a Educação Inclusiva ocorra verdadeiramente e com qualidade, a Lei de Diretrizes e Bases, em seu Art. 59, destaca como devem ser atendidos os educandos com necessidades especiais, em que destaca as principais diretrizes para o atendimento desses alunos. Desde aqueles que tem dificuldades na assimilação dos conteúdos, como o aluno com dislexia tendo uma dificuldade acentuada na aquisição da leitura e escrita.

Para isso, a educação tem que se preocupar com o cumprimento de quatro pilares: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; e aprender a ser. Firmar a educação inclusiva em todos esses pilares é garantir que a aprendizagem de crianças e jovens com deficiência aconteça por meio das várias possibilidades de desenvolvimento que podemos encontrar na escola (Ferreira, 2018, p. 4).

A escola inclusiva é uma escola comum – ou regular – que acolhe todos os tipos de alunos, independente das diferenças. Nela, são criadas

situações que favoreçam e respeitem os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos (Ferreira, 2018, p. 4).

Na escola inclusiva, o processo educativo deve ser entendido como um processo social, onde todas as crianças portadoras de necessidades especiais e de transtornos de aprendizagem como o aluno com dislexia, tenha o direito à escolarização o mais próximo possível do normal (Rodrigues, 2017, p. 3).

Concordo com a afirmativa do autor, pois quando incluimos, temos o dever de dar assistência a este aluno, e garantir que tenha um bom desempenho em seus estudos, e assim obtenha êxito no processo de ensino aprendizagem.

Caminho metodológico

Esta pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, sendo utilizadas as plataformas dos Periódicos da CAPES e Scielo para as buscas em revistas e periódicos. Além disso foi feita uma pesquisa empírica nas turmas: 1º ao 3º ano- séries iniciais do Ensino Fundamental- I, na escola Crenildes Luiz Brandão, localizada no Bairro: Coreia, Juazeiro-BA.

O trabalho apresentado traz um estudo voltado para o processo de alfabetização dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental do 1º ao 3º ano, e tem por finalidade estimular, motivar e ampliar o processo de leitura e escrita a partir da leitura dos contos e diferentes gêneros textuais que circulam no nosso meio social. E a partir destas leituras solicitar dos alunos o registro escrito de palavras, frase e parágrafos, por meio do ditado dirigido e contextualizado. A prática pedagógica com uso do ditado dirigido, tem aplicabilidade - 03 vezes na semana.

A prática pedagógica consiste em: 1º passo- apresentar o texto que será trabalhado naquela aula, Promover previamente uma conversa sobre algumas possibilidades de gêneros e de situações para seu uso e finalidade. Linguagem utilizada, nível de formalidade utilizado neste gênero, apresentar a estrutura, elementos obrigatórios. 2º passo: Estimular e encorajar a escrita do texto – registro escrito em um ditado coletivo do gênero textual apresentado na aula- registro escrito pelos aluno. 3º- passo- entrega dos cadernos de registro a cada aluno- solicitar que preencham : nome da escola, nome completo com uso da ficha, data, mês e ano, idade do aluno, nome da professora regente,campo semântico do ditado dirigido realizado naquela aula - EX: bilhete, anúncio, carta, canção, bibliografia, aviso, conto, fábula e outros. 4º passo: Como acontece o ditado

dirigido- a professora realizada e leitura do texto, realiza a explicação do gênero textual, uso social, como o gênero textual é utilizado em nosso meio social, pergunta se os alunos conhecem, em seguida após toda conversa inicia o ditado e ao mesmo tempo observa e tira dúvidas que vão surgindo pelos aluno, professora carta é com **k** ou com **Q**, a professora procura pra toda a turma e inicia uma discursão construtiva, outro aluno diz com **C** professora, e a professora mostra as letras na lousa, e em seguida o som que cada uma produz, suas famílias, e outras palavras com que tenha o memo som inicial, após tirada as duvidas que forem surgindo, a professora vai mostrando os sinais de pontuação contidos naquele texto, como, e quando são utilizados. Neste mesmo tempo, a professora circula na sala tentando observar os alunos que demonstram maiores dificuldades para registrar cada palavra ditada, observando a omissão letras, se são mais lentos e vagarosos, se ficam nervosos, como escrevem, o que ainda não compreendem sobre o sistema de escrita, se utilizam letras do nome sem, se a escrita é sem controle de quantidade, utiliza símbolos “bolinhas, números, sinais e outros”, enfim, após finalizar o ditado dirigido, parabenizar todos pelo feito, e eleger um aluno para recolher os caderninhos e por sobre a mesa, eleger outro aluno para entregar um pirulito, e parabenizar cada colega pelo ditado do dia. O professor em outro momento vai observar a escrita apresentada por cada aluno e listar o que os alunos já sabem, e o que ainda precisam aprender sobre o sistema de escrita alfabetica (SEA). 5º passo - Em seguida realizar planejamentos que atenda o que foi sinalizado na escrita de cada um, listar as habilidades que vão ser trabalhadas no próximo ditado dirigido, e assim por diante. Lembrando que tudo que o professora observou será trabalhado nas atividades promovidas em sala na aula das outras disciplinas. Os ditados ocorrem em duplas, coletivos e momentos individuais, onde os alunos com maiores dificuldades são atendidos com o ditados dirigidos realizado neste dia somente com este aluno(a), a intenção é tentar dar maior segurança no repertório oral e escrito desta criança até que estes alunos conquistem ao nível silabico alfabético, leiam com autonomia, e realizem produções com certa autonomia.

A alternativa de trabalho aqui apresentada esta focada em minha prática profissional docente como professora alfabetizadora a mais de 25 anos que me permitiu fazer este percurso cientificamente falando para investigar, aplicar e vislumbrar as potencialidades desta ferramenta didático-pedagógica para a alfabetização dos alunos ainda que este apresente alguma dificuldade especifica ou dislexia. Assim, a prática de ensino é elaborada e produzida ao longo do ano letivo, realizado o diagnóstico inicial, e aplicado três vezes por semana. Configura-se como uma ferramenta didático-pedagógica

que exige um trabalho contínuo e processual onde os alunos possam alcançar os níveis de escrita, até o nível alfabético, e alfabético ortográfico, até o final do ano letivo.

A proposta apresentada é oriunda curso de Especialização em Alfabetização e letramento que cursei na Universidade Federal da Bahia-UFBA, onde desenvolvi o projeto de intervenção focado nas dificuldades de leitura e escrita dos alunos nas turmas dos 1º e 3º anos. A partir dessas observações foram desenvolvidas estratégias de ensino aprendizagem com o uso do ditado dirigido e contextualizado para obtermos uma melhoria nas dificuldades de leitura, hipóteses de escrita, e produção escrita dos alunos. A Metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico e de campo, a partir de observações, e aplicação do ditado dirigido como uma ferramenta utilizada para diagnosticar os conhecimentos dos alunos.

As observações possibilitaram identificar a importância do uso do ditado dirigido e contextualizado enquanto prática didático-pedagógica para avanços na escrita e leitura com dislexia. Diante do exposto, percebeu-se a importância do ditado dirigido e contextualizado, como uma prática interventiva, e se fez necessário para conhecer o que as crianças já sabem sobre a escrita, e o que ainda precisam aprender, além de identificar o que os alunos já compreendem sobre a norma do Sistema de Escrita Alfabético (SEA), o que elas sabem de forma assistemática, e o que elas ainda precisam saber.

Logo após a aplicação do diagnóstico com esta ferramenta de ensino aprendizagem, o educador verifica o que foi possível diagnosticar, e a partir desta verificação, organizar, e planejar ações e estratégias, que proponham maiores desafios nos níveis de hipóteses da escrita dos alunos. Se faz necessário realizar mapeamento prévio das escritas dos alunos, permitindo que o professor possa atender separadamente as regularidades e irregularidades da norma ortográfica evidenciada nas escritas investigadas. O registro contínuo e processual vai nortear o planejamento da semana visando novas aprendizagens.

O ditado dirigido é contextualizado porque não é realizado aleatoriamente, mas parte de um campo semântico, a partir da leitura do gênero textual trabalhado a cada aula ministrada pela professora regente. No decorrer do ano gradativamente os alunos vão produzindo hipóteses de escrita múltiplas atendendo as dificuldades ortográficas das palavras ditadas com autonomia; perceber as contribuições que a leitura traz para ampliar as hipóteses de escrita.

2.1.A ALFABETIZAÇÃO NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

A aprendizagem do aluno disléxico é complexa e se difere de uma pessoa para outra. Por esta razão, a alfabetização dos alunos com dislexia deve ocorrer a partir das inferências e oportunidades que o professor terá que criar em sala de aula com o ditado dirigido contextualizado. Estes desafios devem ser propostos para o aluno disléxico, tendo como eixo um melhoramento da aquisição da leitura e escrita.

A alfabetização do aluno disléxico, tem que ser algo atraente, que promova a interação de seus pares, que priorize a troca de saberes orais e escritos, e que seja voltada para construção de saberes a partir do conhecimento prévio adquirido pelos alunos.

Quando o professor traz um conteúdo que seus alunos já conhecem, eles terão oportunidade de fazer inferência, antecipar o assunto que será proposto, se sentir parte desta construção. O papel do educador é promover estas interações em sala de aula. O aluno será protagonista dos conhecimentos e se sentirá parte integrante desta construção.

Neste sentido, de acordo com Zorzi (2009, p. 143), “alfabetizar implica educar a mente e os sentimentos”. A criança precisa apropriar-se não só das letras, mas de todas as sensações que elas podem expressar”.

Segundo o autor, vários fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem das crianças, seja em determinar limites ou de impulsionar no desempenho da alfabetização. A alfabetização é concebida por estágios em que a criança vai conquistando avanços, e aos poucos se adaptando a novos desafios no processo de leitura e escrita. É necessário incentivar novas descobertas na aquisição da leitura e escrita, isso significa dizer atividades diversificadas a partir do objeto de estudo escolhido como alternativa didático pedagógica.

Diante do exposto, pode-se observar que a alfabetização do aluno com dislexia é algo muito que exige muito estudo, observação e criatividade por parte do professor. Quando apresentamos o ditado dirigido como uma alternativa para a alfabetização do aluno disléxico, significa dizer que os alunos irão participar de atividades diferenciadas com textos que circulam em seu meio social, e que já tem conhecimento e vivência deste em seu seio familiar como: (bula de remédio, um recado, um anúncio, um cartaz, e-mail, carta, rótulos de alimentos, cantiga de roda, manchete, lista de compras, regras de um jogo, e etc.).

Alfabetizar exigem prática pedagógica que faça a criança pensar e refletir sobre o sistema de escrita. Que possa refletir sobre a ligação existente entre sons imitados pela fala, realizando associação entre as duas para escrever. As práticas contínuas e processuais realizadas em sala favorecem estas descobertas, e por sua vez, propiciam a

criança a escrever mesmo quando ainda nem sabe como se escreve, mas muitas vezes ao aprender a traçar seu nome com a ficha descobre que utilizamos letras para escrever, e começa a despertar seu aprendizado para o sistema de escrita e seu uso no cotidiano, que o alfabeto esta presente nos rótulos do café, leite, refrigerante, está numa placa, no nome do colega, enfim, as primeiras percepções em torno da escrita vão sendo produzidas em seu entorno, e aos poucos, presentes em suas escritas iniciais. É necessário criar um ambiente alfabetizador que promova a interação e a troca de saberes com as outros crianças em sala de aula.

De acordo com a pesquisadora Soares, o processo de alfabetização consiste no aprendizado de sistema escrita alfabética, sendo caracterizado como a porta de entrada para cultura - escrita como todo processo de aprendizagem inclui aquele que aprende que é a criança, o objeto a ser aprendido - escrita alfabética e seus usos; aquele que ensina- o professor alfabetizador, e a interação entre quem aprende e quem ensina. Em outras palavras, inclui a criança que aprende um objeto de conhecimento- a língua escrita- e aquele que com ela interage para que ela se aproprie deste objeto.

Neste sentido, segundo Soares (2011), é importante reconhecer a alfabetização, aquela entendida como a aquisição do sistema de escrita alfabética e sua distinção em relação ao letramento, “entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais” (SOARES, 2011, p. 24). Além disso, é imprescindível,

[...] compreender que o domínio do código escrito é só o primeiro passo, afinal deve-se chegar bem além. O desafio surge quando precisamos propor ações que propiciem o ‘alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita’ [...] (SOARES, 2011, p.22).

Assim, a natureza da relação entre consciência fonêmica e aprendizagem da língua escrita é atualmente reconhecida como uma relação de interação, e influência recíproca. A este consenso se chegou depois de muita polêmica, como esclarecem os autores Morais e Kolinsky(1995,p.317):

Por alguns anos, houve polêmica sobre a consciência fonológica seria um correlato, uma consequência ou um determinante da aquisição da língua escrita. A polêmica de certa forma se extinguiu, com a maioria das pessoas chegando a conclusão de que deve haver uma influência recíproca entre as duas.

Nos anos de 1980 a 1990, houve uma polêmica¹² a respeito das relações entre a consciência fonêmica e aprendizagem da Língua escrita, e se extinguiu em 1995, data das

palavras de Morais e Kolinsky(1995, p. 206), que identificaram uma reciprocidade entre a consciencia fonêmica e a alfabetização, que evidenciam sucessos obtidos no processo de aprendizagem dos alunos.

Em conformidade com a afirmativa dos autores, percebemos que há realmente este entrelaçamento entre sons, fala, e escrita para a produção das hipóteses construídas pelas crianças com dislexia quando estão aprendendo a ler, e escrever. Por conseguinte, apresento a escrita de uma aluna com dislexia- do 2º ano do ensino fundamental I, séries iniciais, de escola pública, e a contribuição do uso do ditado dirigido, e a sua relação entre consciência fonêmica e aprendizagem da língua escrita.

DITADO DIRIGIDO- CAMPO SEMÂNTICO- FÁBULA- A RAPOSA E A CEGONHA

TEXTO ESCRITO PELA CRIANÇA

Ex: ATHO- RAPOSA
 AVOIE- CONVITE
 MEIA- CONVIDADO
 VAIQ- COMIDA
 OSUL- ABORRECIDA

FRASE: USIAB. - A RAPOSA NÃO COMEU NADA NO JANTAR.

EX: Texto - DITADO DIRIGIDO- CONTO- O CÃO DE LIA

TEXTO ESCRITO PELA CRIANÇA

NU DIA E QUE LIA LEU A HISTORIA DA OCELE
CACHORRO FICOU FACSCINADA
CHEGOU PARA A MÃE I DISSE..
“ MÃE,, QUERO UMA CACHORRO IGUAO
A DO U LIVRA!

TEXTO DITADO: TEXTO LIDO PELA PROFESSORA

O CÃO DE LIA

NO DIA EM QUE LIA LEU A HISTÓRIA DAQUELE CACHORRO, FICOU
FASCINADA. CHEGOU PARA A MÃE E DISSE:
"MÃE, QUERO UM CACHORRO IGUAL AO DO LIVRO!"

A criança quando exerce a escrita de textos variados ela vai adquirindo a percepção dos sons existentes nas palavras, se apoiando no início, meio, e fim para escrevê-las, observa a segmentação de sílabas, soletra para escrever partes ausentes, e nesta fase é capaz de identificar letra inicial, e final.

É notório o processo de evolução da criança, ao ser trabalhada atividades que promovam e estimulem a consciência fonêmica e fonológica, pois auxilia os alunos a

reconhecer e manipular os sons da linguagem falada. E passem a ser capazes de identificar rimas, número de sílabas, segmentar frases, observar o espaçamento entre as palavras, e identificar sílaba inicial, mediana, e final em uma palavra.

3. O DITADO DIRIGIDO - AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA COM TEXTOS

O ditado dirigido e contextualizado colabora com a educação contextualizada uma vez que este é construído a partir de um texto, e este conhecimento prévio colabora para que o educando possa demonstrar segurança no conhecimento que está sendo produzido para ele enquanto educando, e se sinta um protagonista nesta produção de saberes, e posso fazer uso deste em seu dia a dia. Exemplo: um recado, bilhete, e-mail, anúncio, aviso, carta, um fato observado por ela em seu dia a dia, que saiba fazer uso desta narrativa para se comunicar.

A contextualização da educação escolar é, assim, um processo dialético, na qual dentro do contexto escolar é necessário que sejam desenvolvidas práticas acadêmicas de acordo com o que é vivenciado ao redor da escola, e na realidade de cada educando. De modo que os educadores necessitam entender as diferentes realidades dos estudantes, para que assim possam desenvolver as propostas pedagógicas adequadas aos diferentes contextos sociais encontrados (MORIN, 2000).

Sendo assim, em conformidade com o autor, a contextualização, como vimos, não pode ser encarada como uma dificuldade a mais a ser enfrentada na prática pedagógica para complicar tornar ainda mais complexo o processo de aprendizagem. Pelo contrário, a contextualização deve ser encarada como facilitadora no entendimento do conteúdo, dos conceitos, desvendando o seu significado, de significados, como ensina Paulo Freire, dentro da ciência ou (re) contextualização ou (re) enraizamento no texto, ou na ambientação no contexto social, político, cultural e ambiental.

Neste sentido o ditado dirigido se contextualiza com a colaboração e aporte teóricos de vários pesquisadores que ao longo dos anos fizeram a diferença e contribuíram com suas pesquisas na concepção da aquisição da leitura e escrita,

Diante desse contexto, subentende-se que para o desenvolvimento educacional, se faz necessário a busca por novas alternativas para as suas práticas pedagógicas. Antes de se tomar os fenômenos do contexto como objeto do ensino e da aprendizagem, procedimentos prévios são fundamentais para assegurar que os estudantes tenham, efetivamente, condições de apreender a realidade situando-se nela como sujeitos ativos de

transformação no ponto de vista social e político (FREIRE, 1996).

A influência de Piaget para o construtivismo, nos anos de 1896-1980, foi muito relevante, foi um pesquisador suíço que influenciou as pesquisas sobre o pensamento humano no mundo inteiro. Com um interesse particular no desenvolvimento cognitivo, realizou experimentos com crianças de várias idades. Partiu da hipótese de que a cognição humana se desenvolve em etapas, e esta permite que as crianças realizem operações cada vez mais complexas e abrangentes. Assim como a pesquisadora Emillia Ferreiro o filósofo Jean Piaget também acreditava que as habilidades foram construídas e ocorriam no equilíbrio constante de assimilação, ou reorganização do pensamento o que ambos definem como acomodação.

Para os pesquisadores estas habilidades eram construídas pela criança a partir da sua interação com o meio, com seus pares (crianças) e com o objeto de estudo, a troca de saberes (fator que motiva estas mudanças constantes). A acomodação ocorre quando esta criança assimila o conteúdo, e irá passar por novos “ajustes de conhecimento” quando estiver aprendendo um (novo conhecimento). Portanto, é de suma importância que desde o início da escolarização, o aluno não alfabetizado precise ouvir leituras, tentar ler e escrever coisas significativas, mesmo antes de saberem grafar a próprio punho as crianças são capazes de criar textos, e essa capacidade precisa ser explorada pedagogicamente. Segundo Soares (2011), é importante reconhecer a alfabetização, aquela entendida como a aquisição do sistema de escrita alfabética e sua distinção em relação ao letramento, “entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais” (SOARES, 2011, p. 24). Além disso, é imprescindível,

[...] compreender que o domínio do código escrito é só o primeiro passo, afinal deve-se chegar bem além. O desafio surge quando precisamos propor ações que propiciem o ‘alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita’ [...] (SOARES, 2011, p.22).

Em consonância com Soares (2011), a alfabetização é um modo de gerenciar o novo sentido a esse conceito, significando o processo de ensino e de aprendizagem da língua escrita, de modo a compreendê-la a partir de um enfoque multifacetado. Dessa forma, toda criança inserida em um contexto letrado, certamente, apresenta conhecimentos essenciais sobre a língua e sua finalidade na sociedade.

Por esta razão, a autora chama a atenção urgente para rever as metodologias de ensino adotadas para alfabetizar os alunos, lançando mão de estratégia didático-

pedagógica, onde o aluno tenha contato com o mundo escrito e a partir da leitura de textos variados, priorizem a criticidade, aguçe a curiosidade, e assim estaremos contribuindo para formação do aluno letrado e antenado com o mundo.

3.1. A DISLEXIA : PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Definida como um transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, a dislexia é o distúrbio de maior incidência nas sala de aula. Ao contrário do que muitos pensam não resulta de uma má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico. Por esses múltiplos fatores é que a dislexia deve ser diagnosticada por uma equipe multidisciplinar. Esse tipo de avaliação dá condições de um acompanhamento mais efetivo das dificuldades após diagnóstico, direcionando-o às particularidades de cada indivíduo, levando a resultados mais concretos. Sinais de alerta, chamam atenção para alguns sintomas que a criança pode apresentar, como:

Na fase pré- escolar	No Ensino fundamental
Dispersão;	Dificuldades na aquisição e autonomia da leitura e escrita;
Fraco desenvolvimento da atenção;	Pobre conhecimento de rimas e aliteração;
Atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem;	Dificuldade para fazer anotações da lousa, organizar rotina escola ou material escolar; é necessário auxiliá-lo nessas ações.
Dificuldades de aprender rimas e canções;	Ao dar uma explicação seja: clara, direta, e objetivo e verificar se ele compreendeu;
Fraco desenvolvimento da coordenação motora;	Trabalhar sempre com material concreto para auxiliá-lo em situações que exijam cálculo.Ex: material dourado, ábaco.
Dificuldades com quebra-cabeça;	
Falta de interesse por livros impressos.	
<p>Avaliação deve ocorrer em ciclos, e cumprir as quatro perspectivas importantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser formativa - formar alunos mais comunicativos, responsáveis, e criativos, criando um ambiente dinâmico e propício para o aprendizado. • Ser qualitativa – valorizar sempre suas conquistas, e avanços durante o ano letivo, relizar mapeamento das suas dificuldades expressas pelo aluno, para auxílio e superação. • Ser construtivista – verificar se o aluno esta compreendendo, e aprendeu o conteúdo ensinado na aula. • Multimeios- Trabalhar com recursos multimídias para incentivar produção de uma ambiencia lúdica e prazerosa, com uso de imagens visuais, colorido e observações diversificadas dos conteúdos. <p>Como trabalhar com alunos dislexicos?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar com letra bastão; nunca grafar na lousa com letrar cursiva, esta ação dificulta identificação da letra e registro escrito no caderno; • Desenvolver um trabalho com livros paradidáticos onde o aluno “com dislexia” possa ser protagonista, e participe das falas dos personagens, realize gestos, imite as vozes, barulhos, imite os bicho, produza o cenário, e possa ser lider de um grupo na produção de uma narrativa determinando as para cada dupla; apresentar textos curtos do seu repertório escrito e oral; • Desenvolver atividades em dupla, coletivas, e individuais tendo colocando o aluno como instrutor da mensagem que esta sendo construída; Trabalhar ações que envolva o tempo “dia, noite”, e as horas. 	

Incentivar beber água, ir ao banheiro, dividir material, trabalhar em grupos, ser solidário.

- Incentivar a leitura na roda mesmo quando o aluno ainda não sabe ler, mas constrói seu próprio repertório a partir das imagens, valorizar suas construções.
- Participar de jogos interativos, competitivos e cantadas em sala. Sempre observar este aluno como alguém capaz de realizar qualquer ação que outro colega desenvolva. Incentivo/motivação/determinação/querer/ e a vontade de vencer sempre.

A dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (Definição adotada pela IDA- Internacional Dyslexia Association, 2002).

De onde surgiu o nome? Dis- vem do grego e significa dificuldade; Lexis- também vem do grego e significa palavra. Então a dislexia significa dificuldades com as palavras.

O diagnóstico de dislexia deve ser considerado levando-se em conta um conjunto particular de circunstâncias. Embora tenha base neurológica, a dislexia se expressa no contexto da sala de aula (SHAYWITZ, 2006). Habib (2000) afirma:

Na grande maioria dos casos, e independente da idade cronológica no período do diagnóstico da dislexia, a criança que falha na aquisição da performance normal de leitura faz os seguintes tipos de erros: confusões visuais entre a morfologia de letras similares (exemplo b por p); dificuldade em adquirir estratégia logográfica, permitindo que reconheça palavras comuns rapidamente; e, dificuldade em generalizar os grafemas previamente aprendidos com as regras fonéticas (correspondência grafema-fonema) (p. 2375).

Em conformidade com afirmativa destacada pelo autor, estas dificuldades podem apresentar algumas definições como: Dislexia, Disgrafia, a Disortografia e a Discalculia.

Segundo Carvalho e Lopes (2022), dislexia é um transtorno específico no aprendizado da leitura, cuja característica principal é o rendimento escolar abaixo do esperado para idade cronológica, apesar do potencial intelectual e não tem nada a ver com a perturbação psíquica. De modo que não é considerada uma doença, ou seja, a criança com dislexia tem o QI normal ou até superior, é um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem, interferindo nas habilidades linguísticas (escrita/leitura).

Segundo a Lei nº 9.394/1996, é preciso favorecer a promoção de um processo de aprendizagem inclusiva, dinâmica, interativa, aberta, sem perder de vista a concepção

humanista, visando não somente informar, mas, formar cidadãos críticos, conscientes e ativos, evitando o fracasso escolar. Principalmente, por parte de alunos que apresentam condutas incompreendidas e que não são percebidas no dia-a-dia pedagógico, como a dificuldade de aprendizagem de alunos com dislexia.

A criança dislexica demonstra algumas dificuldades de concentração, se distrai com certa facilidade, troca letras (b/p, l/f, m/n,v/f, b/d) ao escrever palavras, e algumas crianças demonstram aversão a atividades que exigem calculos matemáticos (discauculia). A discalculia é um transtorno específico da aprendizagem onde o aluno demonstra certo prejuizo em cálculos matemáticos, aversão a atividades que lhe exijam raciocínio lógico, tem um desempenho abaixo do esperado. E as atividades propostas são melhor assimiladas, se alinhadas a um material concreto que lhe possibilite, separar as quantidades, contar e associar o algarismo ao úmero indicado. Ex: $9 + 7 = 16$. Alguns alunos aprendem e se esquecem de tudo no outro dia, devendo o professor estimular sua memória, com música, trava-línguas, rimas, leitura da história de um livro, assistir um filme, desenho animado e utilizar o ditado dirigido para perceber o que o aluno já consegue registrar. O aluno com dislexia e discalculia precisa de uma atenção maior por parte do educador, que deverá criar momentos de interação em sala de aula motivando a busca para resolução de situações problemas orais e escritos com auxílio de material concreto dando possibilidade ao aluno de matemática.

Como se pode ver, as habilidades de consciência fonológica se diferenciam não só quanto ao tipo de operação que o sujeito realiza em sua mente (separar, contar, comparar quanto ao tamanho ou quanto à semelhança sonora etc.), mas também quanto ao tipo de segmento sonoro envolvido (rimas, fonemas, sílabas, segmentos maiores que um fonema e menores que uma sílaba, segmentos compostos por mais de uma sílaba – como a sequência final das palavras janela e panela). E variam, ainda, quanto à posição (início, meio, fim) em que aquelas partes sonoras ocorrem no interior das palavras (LUMERTZ, 2020).

O aluno com dislexia fonológica do desenvolvimento apresentam dificuldades em tarefas de memorização, por esta razão. demonstram certa dificuldade na conversão de grafema-fonema. A criança tende a cometer erros, troca de letras, ou registrar outra palavra. Porém, com a pertinência de uma atividade didatico-pedagógica (ditado dirigido), que auxilie este aluno a pensar sobre as partes minimas para construção da palavra, e a escuta da leitura de contos três vezes por semana, e o registro escrito, fará com que este aluno avance e atinja o sucesso esperado no nível de assimilação dos

conteúdos ensinados. Os erros cometidos nas hipóteses da escrita dos alunos, devem ser considerados como um ponto de partida para novas descobertas, na interpretação e compreensão do SEA.

Assim, de acordo com pesquisas realizadas, o professor deve ter claro que os erros cometidos neste período inicial não se fixam, pois representam hipóteses do aprendiz, na tentativa de compreender a escrita.

- TIPOS DE DITADOS

Ditado tradicional- utilizado de forma aleatória para avaliar o nível de ortografia e regras gramaticais dos alunos. No entanto, é um erro banir o ditado do processo de alfabetização, já que, se bem empregada, essa prática pode ser uma ferramenta valiosa para solucionar dificuldades de escrita, trabalhar a memória auditiva e visual das crianças, a atenção, dentre outras habilidades, auxiliar na alfabetização (CAMINI, 2018),

Ditado tradicional- utilizado de forma aleatória para avaliar o nível de ortografia e regras gramaticais dos alunos.

Ditado mudo- Retira-se a gravura de uma caixa, e solicitar que os alunos registrem o nome da imagem no caderno.

Ditado fatiado- Distribui-se envelopes para os alunos e em seguida solicita que cada aluno organize as sílabas retiradas do envelope e forme a palavra.

Ditado dirigido e contextualizado - contribui para reflexões e aquisição de diversas habilidades de escrita que a criança precisa desenvolver durante o processo de aprendizagem, tais como: Concentração, Escuta ativa, Reflexão sobre o que se escreve, conhecer regras de ortografia, pontuação e gramática; como fazer o espaçamento correto entre as palavras; separação de palavra ao final de uma linha (translineação).

4. A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA FONÊMICA PARA A ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Pensar na construção da escrita para a alfabetização dos alunos não é uma prática recorrente dos educadores em sala de aula, porém, se esta prática for motivada e estimulada para evolução na hipóteses de escrita, e oral dos alunos surtirá resultados positivos na área da aquisição da leitura e escrita, pois, estaremos pensando numa construção ao longo prazo, ou seja, no decorrer do ano letivo.

Em conformidade com o texto anterior, as autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky- passam a conceber a escrita como um sistema de representação onde em suas afirmativas evidenciam um caminho que as crianças percorrem no aprendizado da língua,

definido por elas da psicogênese do conhecimento da escrita. Tais estudos foram baseados na epistemologia genética de Jean Piaget.

Em seus estudos as autoras Ferreiro e Teberosky (1985), traçaram algumas conceituações a respeito da escrita das crianças distribuindo-os em cinco níveis evolutivos e processuais, até conquista do nível da escrita alfabética. Em conformidade com estes processos, e trazendo algumas recentes conquistas com utilização do ditado dirigido como uma prática pedagógica contextualizada.

Nível 1: a criança escreve imitando traços reconhecidos como típicos da escrita.
Nível 2: a criança cria a hipótese de que para poder ler coisas diferentes deve haver uma diferença objetiva na escrita. Em função disso, ela investe na diferenciação de seus grafismos, aproximando-os das letras. Podem aparecer hipóteses como a de que é necessário grafar ao menos três caracteres variados para que um registro seja considerado como escrita. As letras mais utilizadas podem ser as do nome da criança, já que se trata de uma das primeiras escritas estáveis de seu conhecimento.
Nível 3: a criança tenta atribuir valor sonoro à escrita, registrando uma letra para cada sílaba, que pode ou não ser utilizada com um valor sonoro estável.
Nível 4: marcado pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de caracteres, o que geraria a necessidade de fazer uma análise da palavra além da sílaba, gerando escritas com padrão tanto silábico quanto alfabético.
Nível 5: a criança desenvolve uma hipótese alfabética, que seria o estágio final dessa evolução.

Para que os professores também enxergassem os níveis psicogenéticos nas suas salas de aula de alfabetização, esse estudo de 1982 foi fundamental, pois foi o lugar em que os cursos de formação localizaram o teste das quatro palavras e uma frase. Nesse estudo (FERREIRO; GOMEZ PALACIO, 1982).

Dando ênfase a estes estudos, e a partir de consultas em outras pesquisas que abordam a temática, as teorias que estudam os processos cognitivos envolvidos na aquisição da leitura e escrita, mediante a abordagem do processamento da informação, dividem esse processo em estágios ou fases⁷. O desenvolvimento da leitura e escrita pode ser dividido em três etapas: logográfica, alfabética e ortográfica.

- **Logográfico:** envolve um sistema elementar de reconhecimento da palavra, sendo referido como léxico logográfico. Este tem a função de reconhecer palavras que

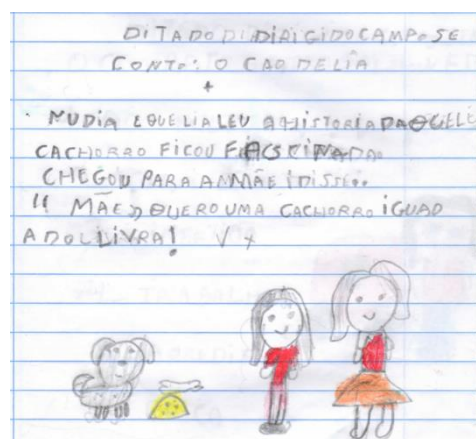
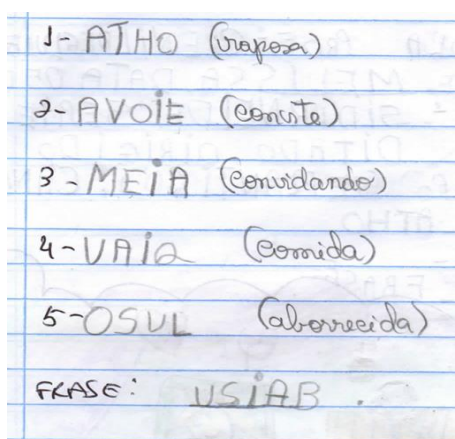
pertencem ao vocabulário de visão, podendo basear-se em características parciais, como letras, grupos de letras, posição das letras e comprimento das palavras, dando acesso direto à memória semântica.

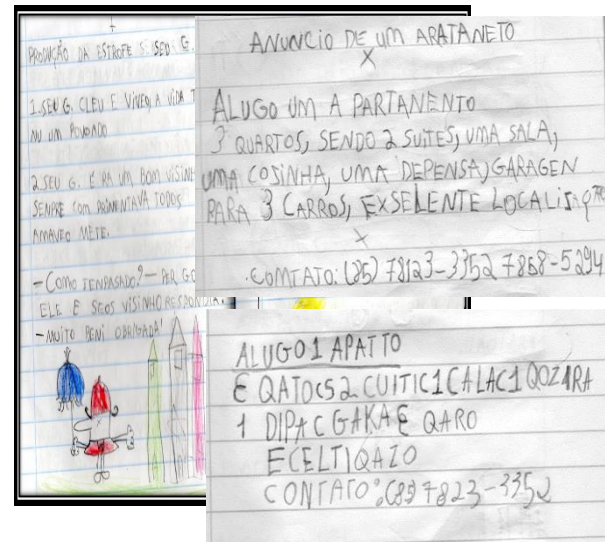
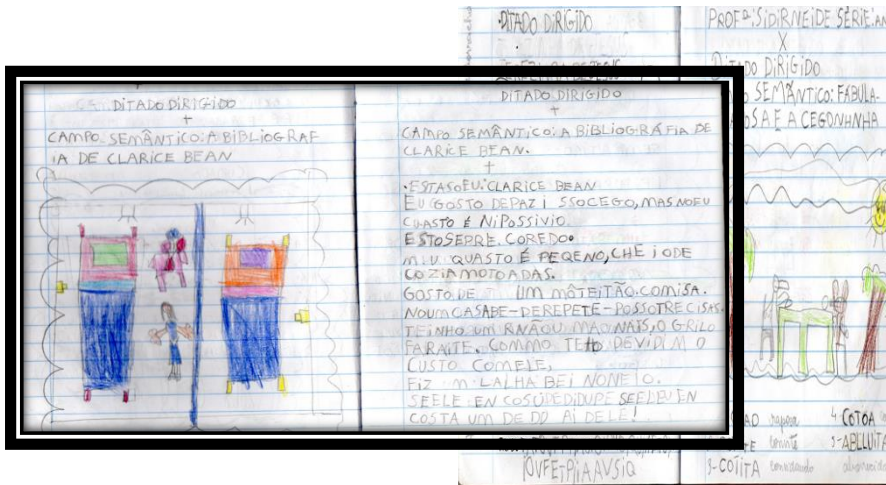
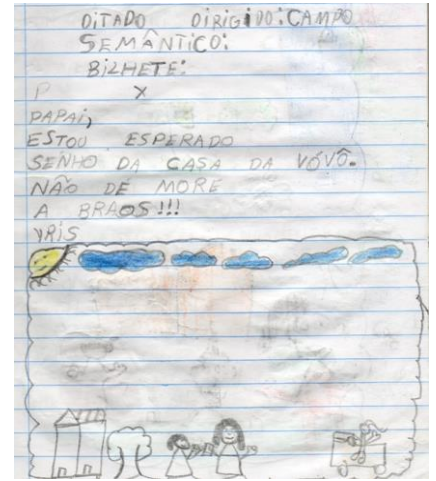
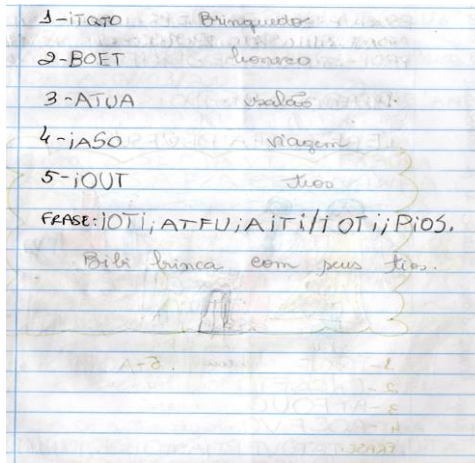
- **Alfabético:** A criança inicia a aquisição do conhecimento do princípio alfabético, desenvolvendo a capacidade de decodificar palavras novas e escrever palavras simples por meio do processo de associação fonema-grafema, ou seja, fazendo a correspondência letra-som para o reconhecimento de palavras, o que requer a consciência dos sons que compõem a fala. Primeiro ocorre a aquisição das regras mais simples, depois das regras contextuais. Há a formação de um léxico alfabético, utilizado inicialmente para a identificação de grafemas individuais, com o acesso ao significado ocorrendo pela rota fonológica.
- **Ortográfico:** neste estágio ocorre uma evolução do léxico alfabético para o léxico ortográfico, caracterizando-se pelo uso de sequências de letras e padrões de ortografia para o reconhecimento visual das palavras. São estabelecidas as relações entre os grafemas, possibilitando a escrita de palavras irregulares. O estabelecimento de um léxico ortográfico para a produção da escrita está na dependência de um léxico ortográfico bem desenvolvido na leitura.

Ex: escrita dos alunos com dislexia, e sua evolução nas três etapas na aquisição da leitura, escrita e ortografia construída pelas crianças no decorrer do ano letivo:

O trabalho desenvolvido com Ditado dirigido e contextualizado

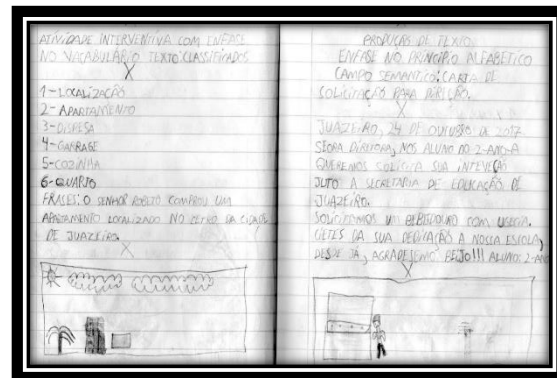
ESCRITA DE ALUNOS- 1º E 3º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I- SÉRIES INICIAIS.





Em conformidade com os autores aqui mencionados, que colaboram com o estudo desenvolvido vimos que a consciência fonológica e a consciência Fonêmica caminham com meus propósitos, ambas auxiliam os alunos na percepção da leitura e escrita, construindo suas próprias hipóteses até serem alfabetizadas, ou cheguem no nível esperado por todos em uma turma de alfabetização, até mesmo os alunos disléxicos conseguem êxito com esta prática pedagógica aqui apresentada, sendo esta ferramenta um marco para a alfabetização dos nossos alunos.

Assim, a autora Magda Soares (2021), numa perspectiva construtivista trouxe diferentes contribuições para alfabetização. Dentre muitos a publicação do livro *Alfabetização a questão dos Métodos* onde apresenta várias facetas para a inserção da criança no mundo da escrita, e como estas fases são alcançadas. Desta forma, é notório



que devemos proporcionar momentos de escuta atenta, dando condição para que o aluno reflita, e reconstrução novas hipóteses para aquisição do SEA.

Por conseguinte, a concepção da consciência silábica refere-se à habilidade de reconhecer e manipular as palavras por sílabas. Já a consciência de rimas e aliterações consiste na habilidade de reconhecer e produzir semelhanças sonoras ao final das palavras (rimas), como também fonemas semelhantes repetidos no início das palavras ao longo de uma frase ou verso (aliterações). Por fim, a consciência fonêmica refere-se à habilidade de reconhecer e manipular os fonemas, as menores unidades da língua, o que envolve por exemplo, a consciência de que um fonema diferente pode alterar totalmente o sentido de uma palavra. Portanto, a importância da consciência fonológica se insere no fato de preparar a criança para o processo de decodificação da língua por meio do estudo de grafemas, sons, sílabas e palavras, a partir de uma concepção mais dialógica e aberta sempre a novas descobertas e reflexões.

Neste sentido, o sucesso dos primeiros passos da leitura e da escrita depende, inclusive, de um determinado nível de consciência fonológica adquirido anteriormente pela criança, seja de maneira formal ou informal e que inicia com a oralidade.

Assim, outras contribuições foram importantes para ampliar o conceito de consciência fonológica. Para Godoy (2001), ela é considerada um fator crítico e definitivo na constituição de bons e maus leitores, conjugada a concepção de língua e de linguagem empregada pelo professor alfabetizador e aos aspectos ortográficos, pois exercem múltiplas influências no processo de aquisição da escrita e leitura nos anos iniciais.

Neste sentido é importante que possamos compreender a consciência fonológica como a consciência dos fonemas que compõem a fala e, portanto, a estrutura da palavra em suas unidades. A consciência da estrutura sonora da fala pode e deve ser estimulada através de atividades específicas, com o objetivo de proporcionar situações em que a criança “pense”, “reflita” e “expresse” sobre os sons da fala para posteriormente poder relacioná-los com as letras e representá-los de forma gráfica. Essa aceção é defendida por Ellis (2001, p. 16), quando afirma que “[...] ler é a habilidade de converter as palavras em significado e em fala” e, esta habilidade depende da relação que ele estabelece com seu processo cognitivo, sendo que este é quem determina o que, e como o texto é visto.

Quando indicamos o caminho a andar, basta andarmos juntos, e trilharmos os objetivos para alcançarmos o sucesso. Assim, se vislumbra a alfabetização do aluno com dislexia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que o processo de ensino ainda carece de melhorias significativas para que este possa realizar uma educação inclusiva em sua plenitude, voltada para uma alfabetização de alunos com dislexia. De modo que os alunos que possuem transtornos e que expressam dificuldades na aquisição da leitura, escrita e ortografia na assimilação dos conteúdos ensinados precisam ser assistidos por uma prática didático-pedagógica que auxilie os professores na assistência a estes alunos com dislexia.

Neste sentido a finalidade deste estudo foi realizarmos uma análise tentando demonstrar a contribuição do uso do ditado dirigido e contextualizado como prática didático-pedagógica no atendimento aos alunos com dislexia, e sua potencialidade para alfabetização dos alunos, na aquisição da leitura e escrita e ortografia.

Toda a prática pedagógica quando pensada com intenção educativa deve trazer em seu contexto uma alternativa promova a reflexão, seja contínua, e que atenda a coletividade. Esperamos que o ditado dirigido e contextualizado possa colaborar para a formação de professores alfabetizadores, contribuir com as políticas públicas voltada para alfabetização dos alunos com dislexia, e fomentar novas pesquisas sobre a temática.

Por fim, quero deixar registrada a relevância que a consciência fonológica e consciência fonêmica para o processo de alfabetização das crianças, e sua importância para a aquisição da leitura, escrita, ortografia, e produções textuais dos alunos.

É possível percebermos a escassez de recursos para atender as diferenças em sala de aula, mas se utilizarmos práticas pedagógicas que auxiliem o aluno a avançar nos níveis de aprendizagem na aquisição do SEA, certamente estaremos colaborando com outros pesquisadores que deixaram seu legado, e nos incentivaram a buscar novas formas de ensinar e aprender com o outro.

Constatou-se, que, os alunos com dislexia e com dificuldades específicas na aquisição da leitura e escrita necessitam de um olhar mais atento por parte do professor, cabe a escola favorecer meios para promoção de uma educação de qualidade que propicie a interação e o diálogo entre os alunos na construção de novos saberes.

7. REFERÊNCIAS

BARRERA, S. D.; MEDEIROS, A. P. Inclusão escolar: concepções de professores e práticas educativas. v. 24, n. 1, **Psicologia em Revista**, 2018.

BARRERA S.D. MALUF M. R. Consciência metalinguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. **Psicol Reflex Crit.** 2003;16:491-502.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDB.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRAUN, P.; MARIN, M.; Currículo e diferenciação pedagógica - uma prática de exclusão?. **Revista Exitus, [S. l.]**, v. 10, n. 1, p. e020010, 2020. Disponível em: <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1154>. Acesso em: 6 jun. 2022.

BOMFIM, L. C. .; DOUNIS, A. B.; PORANGABA, M. I. M. .; SILVA, J. J. B. da. Processos de inclusão e exclusão da pessoa com deficiência visual no mercado de trabalho. **Diversitas Journal, [S. l.]**, v. 6, n. 3, p. 3321–3336, 2021. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1376. Acesso em: 5 jun. 2022.

BORBA, A. L. **Como interagir com o aluno disléxico em sala de aula.** Disponível em: - <http://.org.br> Acesso em: 20 out. 2022.

BORGES, Marilene Lanci; PAINI, Leonor Dias. A educação inclusiva: em busca de ressignificar a prática pedagógica. Universidade Estadual de Maringá – UEM. 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_marilenelanciborgessenra.pdf. Acesso em: 10 mai. 2019.

BUENO, R. J.; SILVA, A. P. Educação para convivência com o Semiárido Brasileiro. *In:* Edneide Jesine, Maria do Socorro Xavier Batista, Orlandil de Lima Moreira (orgs). **Educação popular e movimentos sociais.** João Pessoa- PB: Editora da UFPB, 2008.

CAMINI, P. O caso do ditado das quatro palavras e uma frase na alfabetização. **Revista Contemporânea de Educação.** Rio de Janeiro: UFRJ. Vol. 13, n. 28, 2018.

CARDOZO, P. F.; SILVA, V. A. da. Os desafios das práticas curriculares em contextos diversificados: o caso dos refugiados sírios nas escolas brasileiras. **Revista Exitus, [S. l.]**, v. 10, n. 1, p. e020015, 2020. Disponível em: <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1137>. Acesso em: 6 jun. 2022.

CARVALHO, O. da C. A. de.; LOPES, E. da S. **Dislexia:** uma revisão sistemática. *Conjecturas, [S. l.]*, v. 22, n. 2, p. 1534–1555, 2022. DOI: 10.53660/CONJ-840-F18. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/840>. Acesso em: 7 jun. 2022.

CHIARAMONTE, T. C.; CAPELLINI, S. A. Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação,** Araraquara, v. 17, n. 1, p. 0314–0327, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14610>. Acesso em: 6 jun. 2022.

DE AQUINO, C. **Como aprender:** andragogia e as habilidades de aprendizagem. 1ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

ELLIS, A. **Leitura, escrita e dislexia:** uma análise cognitiva. Porto alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** São Paulo: Paz e Terra, (Coleção Leitura), 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** São Paulo: Paz e Terra, (Coleção Leitura), 2005.

FERREIRA, Felipe. Educação inclusiva: quais os pilares e o que a escola precisa fazer? Atualizado em: 29 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.proesc.com/blog/educacao-inclusiva-o-que-a-escola-precisa-fazer/>. Acesso em: 2 jun. 2019.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1985.

FERREIRO, E.; GOMEZ PALACIO, M. et al. **Analisis de las perturbaciones en el proceso de aprendizaje escolar de la lectura y la escritura.** México, DF: Dirección General de Educación Especial, 1982. Fascículo 2.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1985.

_____. **Política e educação: ensaios.** São paulo: Cortez, 1993.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança.** São Paulo: Zahar, 1978.

GODOY, D. M. A. **Testes de consciência fonológica e suas relações com a aprendizagem da leitura no português.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

GOMIDE, D. C.; JACOMELI, M. R. M. O método de Marx na pesquisa sobre políticas educacionais. **Políticas Educativas – PolEd, [S. l.]**, v. 10, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/PolEd/article/view/69759>. Acesso em: 5 jun. 2022.

HABIB M. The neurological basis of developmental dyslexia: an overview and working hypothesis. *Brain* 2000; 123: 2373-2399.

LIMA, M. M.; OLIVEIRA, A. M.; FREITAS, A. de A.; LIMA, C. S.; BERNARDES, C. T. V.; SUGITA, D. M.; MOURA, L. R.; MOREIRA, S. M.; FERNANDES, L. C.; ARRUDA, J. T. Estratégias Avaliativas no Ensino Remoto: Avaliação Terminal ou Contínua? Um Relato De Experiência. **Anais do Seminário de Atualização de Práticas Docentes. [S. l.]**, v. 2, n. 2, 2022. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/praticasdocentes/article/view/5758>. Acesso em: 7 jun. 2022.

LUMERTZ F. D. S. Intervenções escolares para alunos com dislexia: revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 45, p. E 2374, 9 abr. 2020.

MAIA, J. E. N.; SANTOS, J. M. C. T.; OLIVEIRA, E. N. P. de. **O tempo integral na política estadual de Educação do Ceará. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, [S. l.]**, v. 1, n. 3, p. 1–12, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3555>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MORAIS, A. G. **Sistema de Escrita Alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAIS, J., LEITE, I., & KOLINSKY, R. (2013). Entre a pré-leitura e a leitura hábil: Condições e patamares da aprendizagem. In M. R. Maluf & C. Cardoso-Martins (Eds.), *Alfabetização no século XXI: Como se aprende a ler e a escrever* (pp. 17–48). Porto Alegre: Ed. Penso/Artmed.

- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- PIAGET, J. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1936.
- PINHEIRO, AMV. **Leitura e escrita: uma abordagem cognitiva**. Campinas:Psy II;1994.
- RODRIGUES, Leandro. O que é Educação Inclusiva? Um passo a passo para a inclusão escolar. Postado em: 15 de agosto de 2017. Disponível em: <https://institutoitard.com.br/o-que-e-educacao-inclusiva-um-passo-a-passo-para-a-inclusao-escolar/>. Acesso em: 9 maio 2019.
- SANTOS MTM, Navas ALGP. **Distúrbio de leitura e escrita: teoria e prática**. Barueri: Manole;2004.
- SANTOS, Milton. **Território e sociedade**.São Paulo: Fundação Perseu Abramo,2000.
- SHAYWITZ, S. (2006). **Entendendo a dislexia: Um novo e completo programa para todos os níveis de dificuldades de leitura** (V. Figueira, trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- SILVA, J. de S. **Emergência da ciências moderna e gênese da educação descontextualizada: desconstrução cultural e descolonização epistemológica do paradigma clássico de inovação no campo do desenvolvimento**. Campina Grande, Paraíba, 2010.
- SMITH, F. **Leitura significativa**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.
- SOARES M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SOARES, M. **Alfabetização: Questão dos Métodos**. 5ª.ed. São Paulo: Contexto, p.384 Contexto, 2021.
- SCLIAR-CABRAL L. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo:Contexto;2003.
- WEISZ,Telma. **Diálogos entre ensino e aprendizagem**. São Paulo. Atica,1999.
- ZORZI, J. L. e CAPELLINI, S. A. (Org). **Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita: letras desafiando a aprendizagem**. – 2ª ed. São José dos Campos: Pulso, 2009.

Submetido em:30/09/2022

Aceito em:01/10/2022